

**um
animal
de
Deus**

WALMIR AYALA

**um
animal
de
Deus**

2ª edição
Uberlândia - MG
2020

sexta
**PALA
VRA**

Edição © O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais, 2020.

Consultor editora: Fábio Figueiredo Camargo

Projeto gráfico: Antonio K.valo

Prefácio: Paulo Lima

Copyright © André Seffrin, 2020.

A973

AYALA, Walmir

Um animal de Deus / Walmir Ayala. - Uberlândia (MG): O
sexo da palavra, 2020.

234 p.; 14 X 21 cm.

ISBN: 978-65-81017-03-3

1. Literatura Brasileira. 2. Romance Brasileiro. 3. Ficção.

1. Título

CDD: B 869

CDU: 821.134.3 (81)

CONSELHO EDITORIAL

Alex Fabiano Jardim
Ana Maria Colling
André Luiz Mitidieri
Andréa Sirihal Werkema
Antonio Fernandes Jr.
Cintia Camargo Vianna
Cláudia Maia
Cleudemar Fernandes
Davi Pinho
Djalma Thurler
Eliane Robert Moraes
Emerson Inácio
Eneida Maria de Souza
Flávia Teixeira
Flávio Pereira Camargo
Joana Muylaert
Larissa Pelúcio
Leandro Colling

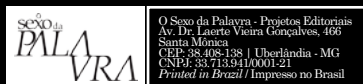
Leonardo Mendes
Luciana Borges
Maria Elisa Moreira
Mário César Lugarinho
Nádia Batella Gotlib
Patrícia Goulart Tondinelli
Paulo César Garcia
Renata Pimentel
Telma Borges
Vinicius Lopes Passos

CURADORIA

Fábio Figueiredo Camargo
Leonardo Francisco Soares
Ivan Marcos Ribeiro

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.



www.osexodapalavra.com



O maldito romance de W.A.

Paulo Lima



Um prefácio é sempre uma missão árdua por dois motivos: o primeiro é que, evidentemente, o texto seguinte é sempre mais relevante e infinitamente mais precioso do que o seu; já o segundo é, se estamos escassos em leitores de literatura, imagine em leitores de prefácios? De qualquer modo, não estamos aqui para falar da arte de escrever prefácios e nem me acomodar em velhas reclamações, apesar do conforto que essa posição confere. Precisamos falar sobre Walmir Ayala. Precisamos falar sobre *Um animal de Deus*.

Walmir Ayala nasceu em 1933, em Porto Alegre, no dia 04 de janeiro. Mas o que isso quer dizer? Sabemos que ele era capricorniano, fato que parece imprescindível no nosso século. Quando criança ele já tinha inclinações para a escrita. Seu primeiro livro surge quando ele tinha apenas nove anos, a partir de textos e poemas que reúne em uma obra feita à mão. Em 1951 ele publica, ainda aluno do curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, uma antologia poética que acompanha textos seus e de seus colegas. Em 1955, seu “primeiro” livro de poemas, *Face Dispersa*, vem ao mundo. É com esses passos que ele se sente seguro de seu destino, abandona o Rio Grande do Sul e parte para o Rio de Janeiro. Em 1958, Ayala já tem textos, críticas de arte e poemas publicados em jornais de ambos os estados.

O fato é que Walmir Ayala foi um escritor prolífico, pois basicamente vivia da escrita. Suas obras contam, sem exagero algum, um número superior ao de cento e cinquenta livros, que vão desde seus diários, até textos de crítica de arte e antologias. Quando chega ao Rio, porém, o autor se emprega em uma empresa de seguros, para, assim que ascender em sua carreira de escritor, deixá-la para ser

colunista e colaborador de vários jornais importantes do Rio, como o *Jornal do Brasil*. Em 1962, depois de vencer concursos de poesia, inclusive o concurso *Olavo Bilac* com seu livro *Cantata*, ele publica seu primeiro diário, *Difícil é o Reino*. Mesmo durante a ditadura e em vésperas do surgimento do Ato Institucional nº 5, encontramos trechos audaciosos no diário de Ayala:

Já se tornou lugar-comum chamar as pessoas belas de deuses. Mas vi um há pouco, não há outra explicação: um ser rude, os cabelos louros encaracolados e brilhantes, duas suaves costeletas ladeando o rosto. Do olhar não lembro porque me perturbou quando me olhou. A manga da camisa, comprimida, arregaçada, um braço perfeito. A calça, de uma fazenda grosseira, sem bainha, apertada na bôca o couro arranhado das botas. E o andar, a luminosidade, a auréola. Santo! Santo! Santo! Apenas as mãos me repeliram. De uma terminação imprecisa, como se os dedos tivessem sido decepados, eram curtos demais. Mas como foi breve o lamento pelas mãos. Apenas andou, tôda a beleza nadou-lhe de músculo a músculo, de fio a fio, de ângulo a ângulo, como um enorme e sub-dérmico peixe musical.¹

Walmir Ayala deixa, portanto, a sua vida íntima se transformar em matéria artística. Seus diários, juntamente com o romance *Um animal de Deus*, compõem os primeiros passos que o escritor gaúcho dá em direção a uma progressiva esteticização da experiência homoerótica brasileira a partir da segunda metade do século XX. O que significa dizer

¹ AYALA, Walmir. *Difícil é o Reino*, 1962, p. 53.

isso? Significa que, partindo dos diários, Ayala se encontra profundamente imbricado com as questões que perpassam a sua sexualidade e a vivência gay no Brasil. Não queremos dizer com isso que, desde o início de sua obra, essas questões não existiam, mas que, marcadamente, a partir de seus diários, ela passa a saltar aos olhos do leitor como um verdadeiro trabalho com a linguagem que busca dar forma a um discurso que anteriormente era pautado por ódio e ciência disfarçados de boa-fé.

No romance que acompanha esse prefácio, *Um animal de Deus*, publicado originalmente em 1967, pela pequena editora Lidador, essas questões atravessam o caminho do existencialismo e de uma profunda inquietação que parecem acompanhar a personagem principal por todo o romance: o que define a homossexualidade? Quais são as possibilidades de “ser” ou de viver uma vida em que a sua sexualidade é constantemente atacada e rechaçada? Walmir Ayala, assim como grande parte dos brasileiros, teve uma prolongada criação cristã, recheada de rituais e de símbolos que, de certa forma, construíram seu universo significante. Essa criação, essa veia pela qual perpassa o sangue da crença de muitos de nós, às vezes até contra nossa própria vontade, não estão extirpados de sua obra. É, na verdade, através dessa rede significante que o autor busca encontrar um sentido para a questão sempre emergente do papel que os homossexuais exerciam na sociedade.

A crítica literária da época parece ter se dividido com relação à recepção da obra. Quase nenhum deles, entretanto, toca na questão central entre a ligação ímpar que Mário, um sujeito abertamente homossexual, mesmo que muito diferente do que nós hoje entendemos por “abertamente”, mantém com Rafael, um homem casado e pai de uma filha. Paulo de Medeiros e Albuquerque, no *Jornal do Commercio*, em 1968, diz: “Para muitos é um livro que poderá chocar como, aliás, todo livro que trate com coragem do assunto

homossexualidade”². Elvira Foepfel, em um texto para a revista *Leitura* (RJ), de 1966, coloca a obra em um lugar similar ao do crítico anterior:

Na fronteira do autobiográfico, desfeita toda e qualquer covardia na revelação da coisa intrínseca, o romance se ilumina de situações poderosas e ricas de uma humanidade lúcida e forte. Walmir Ayala com seu “O ANIMAL DE DEUS” (*sic*), e seu alto nível de beleza literária.³

Carlos Freire, do jornal *Tribuna da Imprensa* (RJ), em 1967, ajunta-se com o coro dos críticos anteriores: “Um Animal de Deus de W. Ayala é um romance corajoso e muito bom.”⁴ É possível perceber que poucos são os críticos que decidem entrar no olho desse furacão e enfrentar efetivamente o texto. Não que esperássemos que isso fosse acontecer, devido ao período histórico ao qual cada um deles está acorrentado. Mas ao observarmos o texto que vai na primeira orelha do livro, de Fausto Cunha, na época um dos chefes da Lidador, podemos entender que esse acorrentamento talvez seja conveniente demais para cada um deles:

Êste segundo romance de Walmir Ayala devolve ao público o criador poderoso que já se afirmara em *À Beira do Corpo*. É uma obra de dolorosa vivência e durante muitos anos o

romancista hesitou em entregá-la ao prelo, pretendia mesmo deixá-la inédita. Por quê? Porque se distanciara da vivência original? Porque o livro lhe parecia verde em seu lirismo arrebatado? Ou por esse secreto pudor que leva o homem a esconder as origens de suas angústias mais íntimas?⁵

É possível que, por motivos econômicos, Cunha tenha evitado expor partes do texto para não adiantar ou afugentar os leitores. Caso o esforço tenha sido esse, foi totalmente em vão, já que na segunda orelha as perguntas que interessam ao romance são finalmente feitas: “O ‘arcanjo’ vem salvar ou ensinar o caminho da perdição? O monge saberá por fim que seu voto de castidade é apenas o fogo que inflama a carne?”⁶. Esse pudor com as questões do homoerotismo não são novidade para nós. O próprio autor parece ter muito cuidado quando toca nessas questões durante sua narrativa. Esse pudor existe até hoje e é, por motivos absurdos e apoiados em premissas elitistas, que clamam por uma pureza teórica inexistente na Teoria Literária, utilizado para afastar as discussões sobre a sexualidade de grande parte das pesquisas que envolvem os objetos literários. O único crítico que se propõe a colocar o texto à prova, Carlos David, em artigo para o *Jornal do Brasil* (RJ), de 1968, consegue apenas mencionar outro crítico, Sérgio Pôrto, que, pelo teor de seu comentário, apenas rechaçou o livro com piadas grosseiras. David, em todo o caso, lança mão de um título interessante para seu artigo “o amor que ousa dizer seu nome”, mas passa grande parte dele fugindo do assunto e elencando o modo como outros autores que decidiram compartilhar

2 ALBUQUERQUE, Pedro de Medeiros e. “Um animal de Deus”, *Jornal do Commercio*, 9 jun. 1968, Suplemento Dominical, p. 2.

3 FOEPPPEL, Elvira. “Um animal de Deus”, *Leitura*, 1966, p. 35. Apesar de citar o texto diretamente, Foepfel não procura interpretá-lo além de suas próprias impressões, utilizando construções como: “[...] Os momentos mais belos do livro são as palavras doridas e angústia que cada período mostra no roteiro confessional [...]”. Foepfel também escreveu as orelhas do primeiro diário de Ayala.

4 FREIRE, Carlos. “Revolução é comemorada com lançamento”, *Tribuna da Imprensa*, 7 nov. 1967, Segundo Caderno, p. 2.

5 CUNHA, Fausto. “Um animal de Deus”. In: *Um animal de Deus*, 1967 (primeira orelha do livro).

6 CUNHA, Fausto. “Um animal de Deus”. In: *Um animal de Deus*, 1967 (segunda orelha do livro).

sua homossexualidade com o mundo se saíram melhor que Ayala. Utilizando construções como “a novelinha” e “velha história” (como se o nosso “vasto cânone homoerótico” já tivesse sido exaustivamente discutido nos anos 60), o crítico tece comentários rasos sobre o enredo do romance e passa a criticar veementemente outros trechos da obra:

Mas o autor, poeta com louros conquistados aqui e ali, não acertou o passo na prosa tão bem quanto na poesia. Ou melhor, o ritmo, a medida que êle soube imprimir aos **Poemas da Paixão** (Rio de Janeiro, Lidador, 1967. 137 pp.) transbordaram em **Um Animal de Deus**. No romance afloram trechos de deplorável literatice, pedindo urgentemente tesoura, sem falar na repetição inútil, presente em algumas passagens, sinal de capina frouxa: “Frei X (...) determinava um comportamento determinado e característico” (pág. 45); [...] ⁷

Bem, parece que saímos um pouco de nosso raciocínio geral sobre a obra. É certo que os críticos dos anos 60 não tinham ferramentas como as nossas que, com um simples apertar de tecla, fazem surgir milhões de palavras e referências diante de nós. A tecnologia facilitou nossas “leituras aguçadas”. O caso é que, pelo menos na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, existem poucas críticas diretas ao romance *Um animal de Deus*. Conforme podemos ver, todos parabenizavam Ayala pela sua bravura de tratar de um tema tão controverso de modo tão distinto, mas se esqueceram que a questão central do romance não era a bravura de seu autor. Fixados que estavam (estamos?) na cultura da personalidade daquele que “comanda” a obra, esqueceram-se efetivamente dos efeitos que a obra produz

⁷ DAVID, Carlos. “o amor que ousa dizer seu nome”, *Jornal do Brasil*, 17 fev. 1968, Suplemento do livro, p. 9.

com relação a tudo que envolve o mundo onde ela surgiu. Pareciam tão preocupados com a temática do texto, que não olharam como essa temática se enreda nas próprias palavras que Ayala escolheu para dar voz à sua produção. Por um lado, assim como nós, eles se esqueceram de Waldir Ayala, para erguer em seu lugar, um monumento autoral intangível de desumanidade.

Devemos assumir que, diante de tão vasta obra, de tanto pudor com que sua intimidade artística foi tratada, não sabemos quem é Waldir Ayala. De sua escrita, nós recebemos parte de sua experiência com a homossexualidade, que ele julgou digna o suficiente para ser um dos focos centrais de sua obra. Estamos falando de um autor e de uma narrativa que levanta questões imprescindíveis para os Estudos Culturais e para a homocultura. Estamos falando de um autor que se/nos pergunta:

Que animal é o homem
dormindo sôbre a espuma
do seu tempo restrito?
Que animal agachado
sôbre as lenhas domésticas
nos fumos e nas pétalas
de jasmineiros claros?
Que animal é o homem
partindo para a noite
alimentando o monstro
de seu morrer pulsante?
Que luz flui amorável
do coração do homem
e às vêzes mata o homem?
Que amor é o que revela
o homem para o homem?⁸

⁸ AYALA, Waldir. *Um animal de Deus*, 1967, p. 7.

Walmir Ayala trata, portanto, em *Um animal de Deus*, da homossexualidade e imagino que os leitores que chegaram até aqui irão escusar o prefaciador de se abster de apresentar trechos mais volumosos do romance. Assim como foi comigo, gostaria que vocês entrassem sozinhos na narrativa. Enfim, o romance de Walmir Ayala não fala de uma homossexualidade deslocada, destituída de feridas e purificada por uma espécie de vivência gloriosa. Não há clemência em sua escrita, porque essa é uma vantagem que não lhe foi conferida pelos outros. Por isso ele diz que seu romance é maldito⁹, pois evidentemente, esse é o lugar que lhe foi reservado. O autor nos pergunta, insistentemente, qual é o papel da homossexualidade para a sociedade humana. E é isso que talvez me tenha saltado aos olhos nas críticas iniciais: há apenas menções superficiais à questão central do livro, ou seja, ela é apenas apontada e não desenvolvida. A sua pergunta é existencial, mas também é o anseio que nos persegue a todo instante, do valor da própria vida e de seus sentidos possíveis. O que é que uma “bicha” está fazendo aqui? O que os “viados” estão fazendo aqui? O que muda completamente a resposta quando o foco é uma minoria. Se o questionamento do papel dos homossexuais no mundo não torna essa obra digna da atenção dos leitores brasileiros, se a experiência homoerótica que perpassa tantas instâncias como a da culpa, do desejo, da luta pela liberdade da expressão legítima de uma vida humana, se essa experiência não vale a pena, então estamos todos nós condenados eternamente a ler apenas os prefácios.

⁹ MACHADO, Gilka Serzedello. “Giro”, *Tribuna da Imprensa*, 1967, Caderno 2, p. 1.

Referências

ALBUQUERQUE, Pedro de Medeiros e. “Um animal de Deus”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 jun. 1968, Suplemento Dominical, p. 2.

AYALA, Walmir. *Difícil é o Reino: Diário I*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1962.

AYALA, Walmir. *Um animal de Deus*. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1967.

CUNHA, Fausto. “Um animal de Deus”. In: *Um animal de Deus*, Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1967 (primeira orelha do livro).

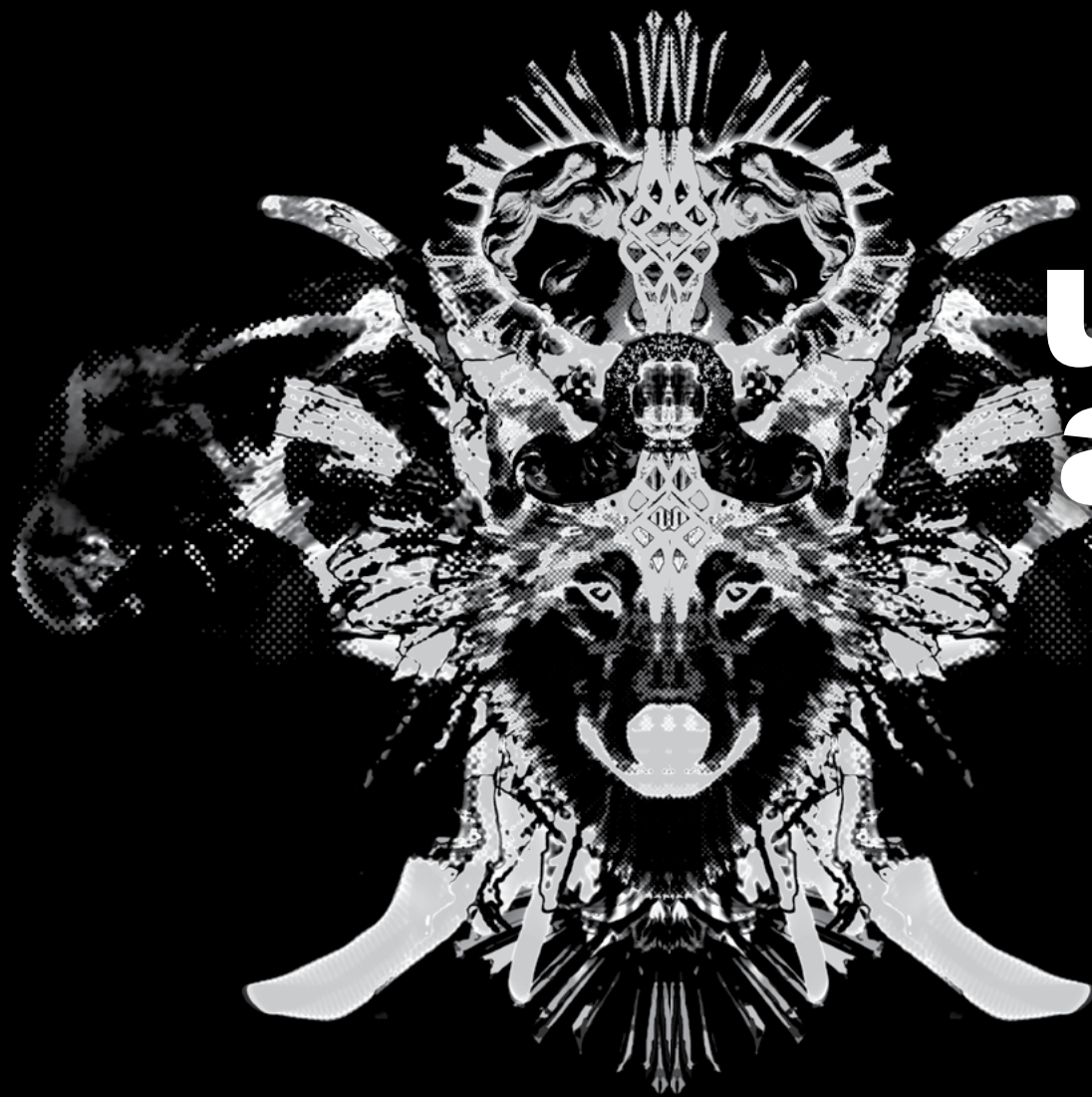
DAVID, Carlos. “o amor que ousa dizer seu nome”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1968, Suplemento do livro, p. 9.

FREIRE, Carlos. “Revolução é comemorada com lançamento”, *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 7 nov. 1967, Segundo Caderno, p. 2.

FOEPPPEL, Elvira. “Um animal de Deus”, *Leitura*, Rio de Janeiro, 1966, p. 35.

MACHADO, Gilka Serzedello. “Giro”, *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 1967, Caderno 2, p. 1.

WALMIR AYALA



**um
animal
de
Deus**

sexo da
PALAVRA



a Júlio José de Oliveira